

Palocci descarta mudança de rumo

Ministro age para acalmar os investidores e promete: "Quem apostar no Brasil vai ganhar"

EDNA SIMÃO

BRASÍLIA – Após dias de alta do dólar, queda da Bolsa de Valores de São Paulo, aumento do risco país e desencontros de discurso com o chefe da Casa Civil, José Dirceu, o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, entrou em campo para dar uma injeção de tranquilidade ao mercado, garantindo a manutenção da política econômica e das metas de crescimento sustentado. Segundo o ministro, não é verdade que haja discussões no governo quanto à condução da política econômica.

– Seria um contra-senso o governo fazer ajuste a um custo difícil e depois propor mudança na política econômica. Isso deixaria o país sem rumo – disse.

Palocci afirmou que as turbulências não são exclusividade brasileira e que o sinal amarelo aceso pelo Federal Reserve (Fed, o banco central americano) sobre uma possível alta dos juros dos Estados Unidos acabou se refletindo em todas as economias emergentes.

– Não é uma piora verde-e-amarela. Nos últimos dias, houve desvalorização da moeda em todos os emergentes e um aumento do risco da grande maioria destes países. Esse é um efeito esperado quando o Fed dá esse tipo de sinal – minimizou Palocci. – Não houve nenhum pânico – acrescentou.

Para o ministro, a situação atual é similar à ocorrida nos meses que antecederam a Guerra do Iraque. Na ocasião, lembrou, os mercados embutiram antes o custo que o conflito poderia trazer aos países. Quanto a guerra teve início, pelo menos no Brasil, os indicadores econômicos se acomodaram.

– Os mercados se antecipam aos fatos. Se isso é bom ou ruim, eu nunca fiz contas para saber. Quando os fatos acontecem, os indicadores costumam melhorar e não piorar – argumentou.

Palocci disse que não há perspectiva de uma piora no cenário econômico mundial que possa exigir uma política monetária mais

ortodoxa, como ocorreu no passado. Ele ressaltou que o país tem "muscatura" para enfrentar as dificuldades porque reduziu sua exposição cambial, está recompõendo suas reservas internacionais e firmou um acordo preventivo com o Fundo Monetário Internacional. Reforçando a idéia de tranquilidade, Palocci disse não haver perspectiva de que o país volte a enfrentar um cenário de crise.

– Não há motivos nem elementos para isso. Mudamos de patamar. Não vamos exagerar em dizer que não temos mais problemas. Mas as pessoas debatem, os mercados reagem. Acho que quem apostar no Brasil vai ganhar. O Brasil é um país vencedor – disse.

Palocci também desmentiu os supostos atritos com o ministro José Dirceu, que recentemente falou sobre a falta de disposição do governo em votar a autonomia do

Banco Central e a necessidade de baixar os juros. O chamado fogo amigo ficou mais intenso quando o Comitê de Política Monetária do BC decidiu manter em 16,5% ao ano a taxa básica de juros (Selic).

– Seria injustiça dizer que duas ou três declarações podem contrariar o processo de equilíbrio econômico que está sendo feito no Brasil. José Dirceu foi de uma contribuição extraordinária para o equilíbrio econômico, quando liderou, junto conosco, a aprovação das reformas no Congresso – ponderou Palocci.

Para o ministro, o que há é um sentimento pró-Brasil. Palocci disse que deverá ser apresentada ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva uma série de medidas para reduzir o impacto do aumento da Cofins para o setor imobiliário, maior empregador do país.

Como em outras ocasiões, Palocci não deixou de relembrar seus tempos de médico. Explicou que gostaria de ser sempre portador de boas notícias, mas, assim como um médico, ao fazer um parto pode dizer que a criança nasceu com saúde ou que precisará de uma cirurgia ou tratamento prolongado.

– Felizmente, a cirurgia já passou. O país já saiu da UTI e vamos fazer um tratamento sereno, prolongado, para melhorar a saúde econômica do país, fortalecer os músculos do país para que possa enfrentar dificuldades, crescer e poder de fato ser o país que todos nós queremos.

Palocci aproveitou para destacar que, depois de 10 anos, a relação dívida-PIB deve fechar este ano em queda. De 2002 para 2003, a dívida cresceu 3,5%, menos do que a inflação. O ministro comemorou também a redução de 0,5% da relação entre PIB e carga tributária (considerando apenas as receitas da União) no ano passado. Sua maior preocupação, repetiu, é o crescimento sustentado.

– O Brasil não precisa de um ano de crescimento, mas de um novo ciclo. Queremos crescer em 2004, 2005 e 2010 – disse.



“Não é uma piora verde-e-amarela. Nos últimos dias, houve desvalorização da moeda em todos os emergentes e um aumento do risco da grande maioria destes países. Esse é um efeito esperado quando o Fed dá esse tipo de sinal”.

“Seria injustiça dizer que duas ou três declarações podem contrariar o processo de equilíbrio econômico que está sendo feito no Brasil. José Dirceu foi de uma contribuição extraordinária para o equilíbrio”.

ANTONIO PALOCCI
MINISTRO DA FAZENDA